

## Ler&Contar

Acesso gratuito a contos inéditos de autores lusófonos, com ilustrações originais. O(a) jovem/professor(a)/pai/mãe/educador(a) vai ler o conto e, seguidamente, poderá contá-lo e oferecê-lo a uma criança que por sua vez o contará também, criando-o através da sua memória e da sua imaginação. Terá, ainda, em cada fascículo, um espaço reservado para fazer a sua própria ilustração.

Os autores dos contos que ofereceremos, à média de um por quinzena e com início a 10 de Maio, durante o ano 2020, são angolanos. De forma pro bono aderiram a este projecto que fará chegar a inúmeros leitores contos de escritores que são referência, a par dos de alguns valores emergentes no panorama da literatura lusófona.

## Noitibó Confraria

Apostamos na criação de projectos de divulgação de autores.

Queremos fazê-lo de forma lúdica e imaginativa.

## Autor

### Márcio Roberto

Nasceu em Luanda, Angola, no início da estação de Cacimbo. Cresceu entre Luanda, Berna e Londres, onde se formou em Gestão de Negócios e em Relações Internacionais. Foi na adolescência que começou a escrever os seus primeiros textos. É apaixonado por saxofones e literatura, e é desta forma que consome o seu tempo livre: a ler, a escrever e a subtrair notas do seu saxofone.

Autor do romance juvenil “O Gigante Sem Coração” (2019), obra finalista no Prémio Literário Acácias, 2018.

## Ilustrador

### Samuel Rego

Memórias de infância e adolescência: sempre de lápis na mão e cara salpicada de tinta. Seguiu o curso de Artes Visuais, pulando em seguida para a cidade de Caldas da Rainha; foi na ESAD.CR que aprendeu e desaprendeu o que é o design gráfico. Daí, rumou novamente a norte. Neste momento, está a concluir um mestrado em Design Gráfico e projectos editoriais na FBAUP (Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto).

## Na Web

Sítio: [www.lerecontar.com](http://www.lerecontar.com)

Instagram: [@ler\\_contar](https://www.instagram.com/ler_contar)

Facebook: [www.facebook.com/Ler-Contar](https://www.facebook.com/Ler-Contar)

## Ficha Técnica

Projecto: Glória de Sousa, Samuel Rego, Tomás Lima Coelho

Coordenação: Glória de Sousa

Autor do Conto: Márcio Roberto

Concepção Gráfica: Samuel Rego

Produção: Noitibó Confraria

Caracteres: Noto Sans/Noto Serif

Contacto: [lerecontar2020@gmail.com](mailto:lerecontar2020@gmail.com)

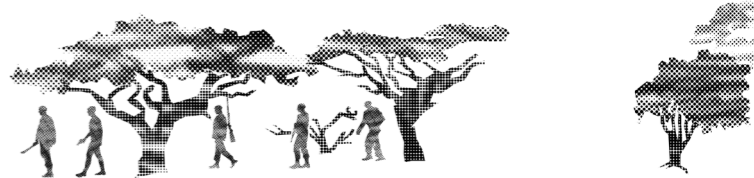
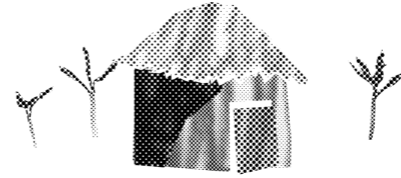
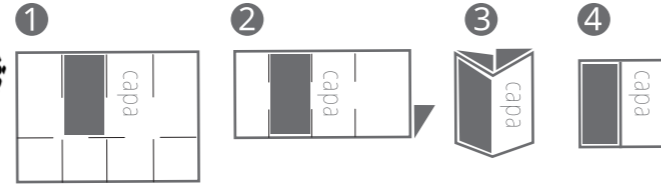
Colaboração: Débora Oliveira, Maria José Moreira, Paula Cochat, Teresa Brarens, Maria João Teles Grito

Probidia a venda.

Estamos em 1994,  
no Ruanda, nosso país  
vizinho. Uma guerra civil  
instala-se no país. Tutsis  
e Hutus lutam  
entre si.  
Entre estes  
todos, Dadão  
e Eva, dois irmãos  
tutsis que fogem  
do perseguição  
dos inimigos.



### Instruções de dobragem



# LER & CONTAR

AS HISTÓRIAS DO AVÔ PANGUILA

MÁRCIO ROBERTO

# DADÃO E EVA

O barulho da porta da frente da pequena casa de fazenda, ao ser chutada por soldados, acordou Dadão e sua irmã gémea, Eva. As crianças rastejaram assustadas em direcção à entrada do quarto e puxaram para o lado o pano que servia de porta. Os soldados encheram a sala, empunhando armas, catanas e paus. Os pais estavam de pé, com olhares confusos no rosto. O pai dos gémeos começou a gritar e puxou a esposa para trás, resguardando-a, no momento em que os soldados avançavam sobre eles com as catanas e os tacos alinhados. Eva agarrou-se firmemente a Dadão. A imagem dos pais dissipou-se ante o mar de soldados que os envolvia. Mas então, a mãe levantou-se orgulhosamente e encarou os soldados segurando o maçador de funje que trazia sempre com ela. Olhou para Dadão e Eva e murmurou: “Fujam.” Os gémeos saíram correndo pela porta dos fundos. A noite usualmente quieta e a música suave dos grilos foram afogadas por gritos e ruidosos “Bangs!”. A aldeia estava em chamas e os soldados, muitos soldados, andavam por todo o lado, tratando com violência qualquer pessoa com quem se cruzassem. Dadão e Eva correram para o galinheiro e lá dentro agacharam-se, tremendo e de mãos dadas. De repente, houve um grito que os fez tapar os ouvidos. Seguiu-se um flash de luz. A casa deles foi incendiada e os soldados avançavam em direcção ao galinheiro num ritmo de comer o chão. “Vamos”, disse Dadão.



Juntos, Dadão e Eva saíram do galinheiro e correram para os campos de milho atrás da casa.

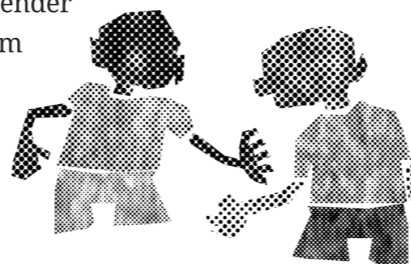
As folhas do milho alto chicoteavam-lhes furiosamente os rostos, os braços e as pernas expostas. Emergiram dos campos de milho, junto à margem de um pequeno riacho. Costumava ser um rio, mas a primavera tinha-se

apresentado extraordinariamente seca. Por isso havia apenas um diminuto corredor de água, no sítio onde o rio costumava estar. Eva apontou para o pequeno barco que costumavam usar. Era uma canoa a remos, de madeira. “Não”, disse o irmão. “Não há água suficiente para atravessamos rápido.” Os gritos dos soldados ainda podiam ser ouvidos, embora muito mais distantes. Então, Dadão viu a plantação de cana-de-açúcar e, sem dizer uma palavra, agarrou a mão de Eva e correu em sua direção. Rastejaram pelas canas altas, desaparecendo de vista. Enquanto caminhavam, Dadão lembrou-se da conversa dos seus pais que, numa dessas noites de lua cheia, ouvira sem querer. Lamentavam a guerra em que estava mergulhado o país deles, o Ruanda.

Dadão conseguia entender porque as pessoas tinham de lutar. A sua família era tutsi, mas até ouvir essa conversa ele nunca tinha notado como os hútus e tutsis se tratavam uns aos outros. Os hútus mantinham posições de poder, mesmo em sua pequena aldeia, enquanto os tutsis trabalhavam duro nos campos e viviam vidas agrícolas simples.

“Dadão, devagar.” Eva ia ficando para trás, segurando o lado esquerdo do corpo, com expressão de dor. “Estás machucada?”, perguntou Dadão, preocupado. Eva abanou a cabeça: “Há muito que estamos a correr; sinto dor neste lado.”

A noite dava lugar ao amanhecer, e o céu, todo cinza, anunciava a eminência do nascer do sol. Novos desafios emergiriam. O dia fez-



se escaldante. Os estômagos rosaram de fome, os gorgomilos protestavam de sede. Dadão e Eva foram saciando a sede e acalmando os estômagos chupando cana-de-açúcar. Finalmente, muitos dias passados, ficaram para trás os campos de cana. E uma pequena aldeia revelou-se diante do olhar trémulo dos gémeos. Também aqui tinham estado os soldados. Entraram na aldeia, com cuidado, escondidos atrás de casas caídas. “Dadão, soldados”, sussurrou Eva, apontando para o grupo de três homens que descia uma rua de terra. Dadão buscou com o olhar um lugar que os escondesse.

Entraram numa casa que parecia ir-se desmoronar a qualquer momento, agacharam-se junto à porta e observaram os soldados a passar. Notaram que estes eram diferentes e se vestiam de maneira diferente, também.

Algo passou pela mão de Eva e ela soltou um grito. Os soldados viraram-se, ao mesmo tempo, na direção deles. Dadão puxou pelo braço de Eva, e os dois saíram pela porta fora, correndo pela rua. “Ei!”, gritou um dos soldados, “parem aí!”. Os gémeos não pararam de correr, mas os soldados alcançaram-nos. “Não tenham medo”, disse um dos soldados. “somos rebeldes, estamos do vosso lado.” Seguiram os soldados até ao centro da vila. Um aglomerado de gente, um misto de crianças muito pequenas e idosos muito velhos, feridos e mutilados, vestidos com farrapos, reunira-se em torno de um enorme camião. Alguns soldados tratavam de arranhões e feridas, enquanto outros

distribuía pão e água aos famintos sobreviventes. Enquanto comiam, Dadão e Eva contaram aos rebeldes como os soldados hútus tinham invadido a casa deles e matado os seus pais. Chegara a hora de partirem; os rebeldes e os sobreviventes meteram-se todos no camião, apertados. “Vamos para onde?” “Para um lugar onde estarão seguros até ao fim da guerra.” Dadão, Eva e as demais crianças foram depositados num orfanato onde os seus dados pessoais e toda informação relevante que traziam foram recolhidos. A vida no orfanato não foi fácil e os gémeos sentiam enorme falta dos pais. Trabalhavam duramente no orfanato. À tardinha, saíam para brincar como todas as outras crianças, mas as noites eram cheias de angústia. “Não percas a esperança”, dizia Dadão à irmã, “um dia a guerra irá terminar.”

Ano e meio se passou. A guerra terminou e, após quase outro ano de espera e esperança, os irmãos tiveram uma grande surpresa. Um dia, ao descer as escadas, Eva viu a avó e o tio à porta do orfanato. “Avó, tio!”, gritou Eva, lançando-se para os braços da avó. Dadão saiu da cozinha e juntou-se à feliz reunião. Os gémeos foram morar para a fazenda do tio Kazebi e, embora invadidos pela enorme saudade dos pais, estavam felizes, pois tinham uma família que os amava e cuidava deles. Voltaram à escola, fizeram novos amigos e permitiram-se sonhar com um futuro melhor.



**Cria aqui  
a tua ilustração  
do conto!  
Digitaliza-a  
e envia-a  
para nós.**